



Vizinhos na Arte de Reinventar

Prefácio	3
<hr/>	
A Rechonchuda - Almerinda André	5
A Casa das Intenções: O Palacete - António Galvão	7
Quando uma Obra de Arte Fala - Capitolina Afonso	9
A História de um Cestinho de Flores - Donzília da Conceição	11
O Beijo - Fernanda Fernandes	13
A Tempestade na Vida e no Mar - Fernandes Gonçalves	15
Os Lunarecos e a Árvore Sagrada da Vida - Georgina Barbedo	17
Um Sonho dentro do Sonho - Leonor Boavida	19
A Corulinda - Maria Arminda Carvalho	21
Um Poema pela Vida - Maria Helena Almeida	23
Desenhando Mily com Olhos de Poeta - Maria José Ribeiro	25
Era Uma Vez num Dia de Chuva - Teresa Loureiro	29
Lutas Perpétuas - Virgínia Ribeiro	31
<hr/>	
Lista de Obras e Fotografias	33

Prefácio

Desde 2017 que o Museu Calouste Gulbenkian se tornou num lugar de encontro para um grupo de seniores que ali se reúne regularmente no âmbito do projeto Entre Vizinhos. O grupo é constituído sobretudo por habitantes da freguesia que têm curiosidade em conhecer mais sobre arte partilhando momentos de convívio descomprometidos mas desafiantes.

Durante os encontros entre vizinhos conversa-se sobre as obras das coleções do Fundador e Moderna, fazem-se visitas e oficinas onde se experimenta criar objetos e dar corpo às ideias do grupo e de cada um. O processo de descoberta conjunta tem sido mediado por Diana Pereira e Joana Andrade e pelas artistas convidadas Ana João Romana (2018) e Tânia Cardoso (2019) que ajudaram a lançar outros desafios de criação artística ao grupo.

Este atípico ano de 2020 exigiu de todos nós uma forte capacidade de reinvenção na vontade de continuarmos juntos. A nova vizinhança passou a fazer-se através de sessões *online*, uma nova forma de alimentar a relação de proximidade entre o grupo, a reflexão e a criação em torno da arte. Sessão após sessão, aqui continuaram a ser exploradas obras de arte e, num novo desafio, experimentados exercícios de escrita criativa.

Juntos continuámos a combater o isolamento enquanto aprofundámos as capacidades de observação e de partilha de opiniões, estimulámos a imaginação e a liberdade criativa. A partir de obras de arte escolhidas por cada um e das suas interpretações pessoais, os vizinhos renderam-se à arte de reinventar, relações, experiências e histórias. Este livro partilha estas histórias, textos e poemas com um voto renovado de esperança, desejando que a *Arte de Reinventar* permaneça acesa dentro de todos nós, haja o que houver!

Diana Pereira e Margarida Rodrigues

Lisboa, 21 de Dezembro de 2020



A Rechonchuda

Almerinda André

A menina rechonchuda e traquina lá foi para a escola aprender. Havia um tema que lhe despertava interesse: religião e moral, porque sempre gostou muito de histórias e de as ouvir contar.

Nesse dia, ouviu a história do Pescador (Jesus) que caminhava com o seu discípulo, por um estreito caminho rodeado de cerejeiras. A certa altura, estava uma pequena moeda no chão, o rapaz olhou e comentou:

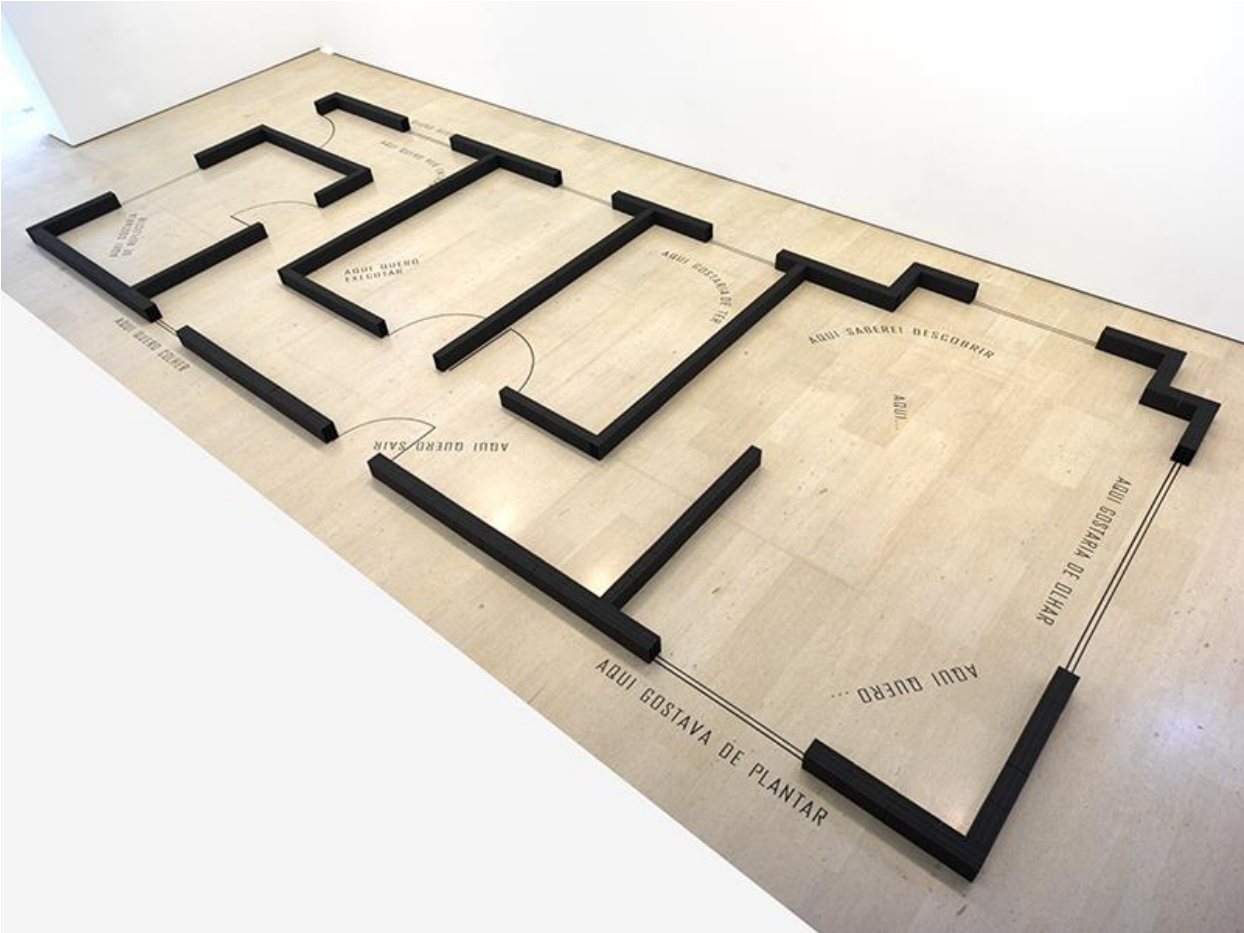
– Oh! Não vale a pena baixar-me, é muito pequena não tem valor!

O Pescador apanhou a moeda e mais à frente estava um homem a vender cerejas. Comprou um cartucho cheio de cerejas vermelhinhas e rechonchudas (como o rapaz, seu discípulo). O Pescador continuou o seu caminho e foi deixando cair as cerejas uma a uma para o chão. O rapaz, que ia atrás, apanhou-as e foi comendo-as durante o caminho.

– Que cerejas tão boas e fresquinhas! – comentou o rapaz. Então o Pescador disse-lhe:

– São boas são, comprei-as com a moeda que tu viste e não apanhaste porque não tinha valor... que por ser pequena, não valia a pena baixares-te! Agora diz-me lá, quantas vezes te baixaste para apanhar as cerejas? Não desperdices o pouco, porque o muito pouco todo junto, faz muito.

A menina nunca mais se esqueceu da história que lhe contaram nesse dia, reconhecendo que era uma história sempre atual. No dia em que viu o quadro de Édouard Monet lembrou-se de imediato da história do Rapaz das Cerejas...



A Casa das Intenções: O Palacete

António Galvão

Aqui gostaria de olhar... uma paisagem com hortas

Aqui saberei descobrir... as artes expostas

Aqui quero... bailar

Aqui quero sair... descontraír e apanhar ar

Aqui gostava de plantar... um jardim

Aqui... deitar, dormir, amar, sonhar

Aqui quero executar... uma pintura

Aqui quero colher... frutas e flores



Quando uma Obra de Arte Fala

Capitolina Afonso

Uma visão de beleza feminina, numa paisagem árida com um lago rodeado de flores silvestres. Onde dez jovens contemplan o reflexo das suas imagens no espelho de água.

A jovem de azul é a que mais chama atenção, pela sua beleza e postura, enquanto que as que estão agachadas olham os seus próprios reflexos no espelho de água. Há duas que parecem indiferentes ao reflexo... A que está ao seu lado olha para ela com olhar de adoração, enquanto a que está na ponta direita, olha para ela com olhar de ciúme, e talvez de inveja.

Uma pintura cheia de beleza e delicadeza feminina.



A História de um Cestinho de Flores

Donzília da Conceição

Era uma vez uma menina que se chamava Maria e que era órfã de pai e de mãe. Criada pelo seu avô, profissional na arte de fazer cestinhos de vime, Maria possuía todas as suas qualidades. Maria vivia num condado e era muito amiga de Amélia, a filha dos condes. Chegou o dia do aniversário de Amélia e o avô de Maria deu-lhe um cestinho em vime que esta encheu de rosas do seu jardim e ofereceu-o à sua amiga. Nesse mesmo dia, a mãe de Amélia, tinha deixado um anel numa mesa no quarto, junto a uma janela. Quando a mãe de Amélia ia para pôr o seu anel, este já lá não estava... A criada, que não gostava de Maria, acusou-a logo do roubo. Para evitar que Maria fosse presa, Maria e o avô fugiram do condado. Porém, o anel da mãe de Amélia foi encontrado tempos depois, no ninho de uma pega no jardim dos condes.

Anos passaram-se e o avô de Maria faleceu. Maria pôs um cestinho de flores na campa do seu avô, num cemitério que se situava próximo das terras do condado de onde tinham fugido. Nesse dia, Amélia também se encontrava no cemitério e, reconhecendo o cestinho em cima da campa, apercebeu-se de que era Maria quem chorava junto à campa. As amigas abraçaram-se e Amélia contou a Maria que o anel tinha sido reencontrado. Maria voltou a viver no condado e casou-se com o filho do juiz que a tinha condenado. Para celebrar o casamento, o noivo pediu a mãe de Amélia para lhe oferecer o anel. Maria aceitou o casamento e sentiu-se recompensada por toda a injustiça que tinha passado.



O Beijo

Fernanda Fernandes

O primeiro beijo, o mais quente, mais doce, a maior demonstração de afeto, união de almas, é sem dúvida dada pela mãe ao filho que acaba de nascer.

Parece que ninguém se apaixona de verdade, eu beijo todas as pessoas que amo, como se fosse o último beijo.

Beijo da paz, saudaria a vida levantando a mão esquerda.

O último beijo, o mais doloroso.

Descansa em paz...



A Tempestade na Vida e no Mar

Fernanda Gonçalves

Sou o Samir (vigoroso), sou casado com a Raissa (filha de Hara). Somos professores, eu de Inglês e a Raissa de Matemática. Vivíamos em Aleppo, uma cidade da Síria, há muito mergulhada em graves conflitos armados. Recentemente foi bombardeada de modo brutal. A escola onde trabalhávamos foi destruída. Ficámos sem poder trabalhar na nossa amada cidade.

A Raissa estava grávida. Tivemos de tomar uma decisão muito difícil e sofrida: abandonar a nossa casa. Com as nossas economias tivemos de pagar aos “passadores”, verdadeiros abutres da miséria.

Fomos levados num pequeno barco, sem condições para o grande número de pessoas – homens, mulheres e crianças. A travessia foi infernal! Enfrentámos uma grande tempestade e perdemos vários companheiros; uns porque caíram ao mar e foi impossível resgatá-los e outros por doenças resultantes das péssimas condições em que nos encontrávamos.

Finalmente chegámos ao destino: uma ilha grega. Fomos encaminhados para um “Campo de Refugiados” que muito se assemelhava a um “Campo de Concentração”. Passaram-se vários meses de grande frustração e desalento. A gravidez da Raissa cumpriu o seu tempo e nasceu o pequeno Omar (o que tem vida longa), franzino, mas cheio de força para enfrentar a vida. Todos desejávamos poder sair do Campo e reiniciar a vida num país europeu.



Os Lunarecos e a Árvore Sagrada

Georgina Barbedo

No ano de 7070 houve uma grande catástrofe natural. O furacão que se sentiu na altura, deitou abaixo as florestas espalhadas pelo Mundo. Numa das florestas que se situava nas montanhas da China, sobreviveu uma única árvore. Que milagre! No meio daquele caos todo, a árvore sagrada iluminava-se durante a noite.

Os Lunarecos, habitantes da lua, viram este acontecimento repetir-se durante sete noites seguidas e bastante curiosos, organizaram uma busca à árvore. Estão a perguntar-se neste momento, como é que eles levaram a árvore até à lua, certo? Nós explicamos: cortaram a árvore em vários pedaços para ser mais fácil de a levar! Peça a peça, como se de um puzzle se tratasse. Depois de terem a árvore cortada em pedaços, colocaram tudo num OVNI. Assim que chegaram à lua, construíram um sistema de reposição de energia da árvore. No centro do sistema, dá-se uma grande concentração de energia, refletida através de sete espelhos. Através dos espelhos, o tronco da árvore consegue voltar a ganhar vida e, todas as noites, a árvore sagrada volta a dar luz.

Os Lunarecos decidiram devolver a árvore ao Planeta Terra e esta ficou bastante conhecida por continuar a ser a única árvore no Mundo. Todas as pessoas do Planeta Terra consideram que esta árvore lhes traz esperança e energia e, por isso mesmo, pertence ao Mundo. Assim, cada país tem direito a ter a árvore durante um ano. Durante esse período, as pessoas aproveitam todos os benefícios gerados pela mesma. E acima de tudo, como já dissemos, basta as pessoas acreditarem que a árvore é sagrada para ela passar a ser mesmo sagrada e trazer muita coisa boa às vidas das pessoas!

Com sorte, ainda cura os vírus que andam por aí... O que vos parece?



Um Sonho dentro do Sonho

Leonor Boavida

Depois de uma manhã atarefada e de um almoço solitário, sento-me frente à televisão. Descontraio e as pálpebras cobrem-me os olhos. Como por magia, eis que estou na sala de exposições onde está a decorrer uma mostra fascinante de obras de René Lalique! Admiro algumas das peças magníficas e, de rompanete, estaco! Fiquei literalmente colada ao chão. Perante mim, uma força, determinação e confiança! Estou perante *L'Esprit du Vent – Victoire*: uma “mascote de automóvel”, entre outras 28 com diferentes motivos, esta usada excepcionalmente como tampão de radiador do Rolls-Royce II/S Phantom de 1937. E dentro do meu sonho outro sonho! Aquela obra de pálida ametista, atravessando tempestades, sorvendo o vento que lhe atirava os cabelos para o passado, tinha atingido um objetivo: Melhorar o Mundo!

Os emigrantes deixaram de o ser;

Todos podiam sobreviver nas suas terras;

A mutilação genital feminina não existia;

O Mediterrâneo já não era um cemitério;

A violência contra as mulheres tinha acabado;

Os sem abrigo tinham o seu canto;

As crianças podiam viver como tal;

As filas para levantar alimentos deixaram de existir;

Os ladrões deixaram de o ser;

Todos os países do Mundo se relacionavam, acabando com a violência!

Fui voltando à realidade e dei-me conta de que estava no meu sofá... à minha frente, na televisão, o pivot, em voz monocórdica e impessoal debitava os últimos números da pandemia...!



A Corulinda

Maria Arminda Carvalho

... Aquela coruja que todos os dias teimava em piar, piar e perturbar o meu sono de criança, não desistia! Um belo dia resolvi fazer-lhe uma espera, subi à torre da igreja e ali, frente a frente, fiquei impressionada com aquele exemplar! O tamanho do seu bico para coruja era demasiado grande, as sobrancelhas pareciam tatuadas e, aos meus olhos, até parecia ter na frente sobre a testa um caracol do tipo “caça rapazes” que merecia uma cirurgia de estética. Contudo limitei-me a olhá-la pois respostas não iria ter, só um assustador piar. Aquela confronto nunca saiu do meu pensamento.

Mais tarde, já adulto e com enorme apetência pela pintura, certo dia fechei os olhos e deixei que a mão me levasse até àquele campanário e, suavemente, deixei-a deslizar sobre uma tela branca. Fiz um traço e outro, imaginei uns olhos grande e profundos, uma face meio definida, cabelo brilhante e comprido, por gostar das cores próprias do outono defini como cores da roupa o castanho e azul-céu. Dei-lhe vida e, dialogando com a minha imaginação, apercebi-me que tinha na minha frente uma mulher, rica na inteligência e no conhecimento e que com a sua capacidade me compreendeu e ensinou a ver através da escuridão o que os outros não veem.

Quando despertei daquele momento mágico, abri os olhos e vi a obra que concluía. Aí, fiz a relação com a coruja do campanário e dei-lhe o nome de *Corulinda*, a Deusa da minha imaginação.

Sou Almada Negreiros e esta pintura foi feita a partir de retalhos de uma história que a Maria Arminda me contou.



Um Poema pela Vida

Maria Helena Almeida

Penso que o pintor Manuel Trindade D' Assumpção homenageou Paul Éluard, poeta da Liberdade e do Amor. Muitos dos seus poemas contra o nazismo circularam clandestinamente durante a 2ª Guerra Mundial.

Em 1942, Éluard escreveu o poema "Liberté "do qual milhares de exemplares foram lançados de aviões ingleses sobre a França chegando às mãos da Resistência francesa dando-lhes coragem na luta pela libertação do nazismo!

Vejo na pintura do *Último Bailado* a monstruosidade da guerra, a liberdade ao centro e os versos esvoaçando anunciando a Libertação...



Desenhando Mily com Olhos de Poeta

Maria José Ribeiro

Bem perto de onde vivo
Num largo bem situado,
Uma fonte, de água fria,
Mata a sede a nós e ao gado.

E aguadeiras da aldeia
Costumam por lá parar,
Em alegre cavaqueira,
Até a bilha entornar.

Aos sábados e feriados,
Dos arredores ou de perto,
Há alguns, mais abastados,
Que vêm ao preço certo.

E há gentes da aldeia,
A vender do que plantam,
As sobras que, volta e meia,
Aos visitantes encantam.

E, também, houve pintores
E pessoas de outros meios,
Cujas vidas de outras “cores”
Abriram olhos, receios...

Mily Possoz apareceu,
Em dia sem nevoeiro,
E, naquele jeito seu,
Falava do mundo inteiro.

E pintava ou desenhava
Divertida e a cantar.
Bem-disposta criticava
O mundo estava a mudar!

Disse-lhe que gostaria
De ver todo o seu trabalho.
Respondeu, com alegria,
Que, breve, iria mostrá-lo.

Pedi-me se poderia,
Fazer um retrato meu.
Foi grande a minha alegria,
Quando um dia, ela mo deu.

Ali estou eu, mesmo à frente,
E em destaque o meu busto:
Arrecadas reluzentes,
Vestido, penso, algo justo.

A rodilha e o chapéu,
A canastra e o pescado.
E o lenço que ela me deu,
Parecia bem combinado...

Mas não sabia o porquê
Do peixe quase a cair,
E da flor que se vê
De trás da orelha a sair.

E se seria uma trança
Ou o cabelo enrolado
Ou a raiz da flor,
Caída do outro lado.

E que era impossível,
Levar daquela maneira,
Uma bilha que fugia
E... era ela aguadeira!

“Petit Paysanne”, escreveu...
Não entendo!... Estará certo?...
VARINA... diria eu!
MAIS AGUADEIRAS, correto?

E as respostas que ouvi,
Foram precisas e prontas:
“A consciência de ti,
É a força com que contas!”

EPÍLOGO

“Primeiro, tens de perceber,
Que não é por seres mulher
Que deves tudo fazer
E... só porque o homem quer!

Abre os olhos, está atenta.
Tudo tem explicação.
Aspergir com água benta
Não livra da opressão!

Não deves ficar parada,
Escuta bem o coração,
O peixe em debandada,
Tem, por certo, uma razão.

E as flores na orelha,
No Haiti, querem dizer:
À direita queres parelha
À esquerda não pode ser.

Melhor seguires o que queres,
Pensando os prós e os contras,
Vamos ser outras mulheres
Mais firmes e sem afrontas!”



Era Uma Vez num Dia de Chuva

Teresa Loureiro

Vi entrar no Museu uma jovem sozinha. Muito calma aproximou-se da instalação da Ana Vieira e fiquei boquiaberta com o que ouvi e observei.

– Quem és tu ?, – perguntou ela

– Artisticamente sou uma instalação.

– Pareces uma maquete.

– Se quiseres serei uma maquete de sentimentos e pensamentos e convido-te a entrar e escolher o teu espaço. Aqui dentro não há espaços fechados. És livre.

– E se eu sujo o chão?

– Há pouco estive aqui um grande grupo e foram alunos impecáveis. Partilharam porquês e gostaram. Aqui não há nada oculto. É a minha alma em bocadinhos. Entra.

– Já cá estou e sinto-me tão pequenina.

– O que te apetece fazer?

– Olhar ...

Foi um encanto aquele diálogo.

Hei de continuar a observar os outros.

Vale a pena.



Lutas Perpétuas

Virgínia Ribeiro

Estávamos em 1930 e naquele pequeno e fétido vestíbulo as agruras da vida eram envolvidas em profunda ternura e companheirismo cujos tempos amargos aclamavam desesperadamente.

Apresentava-se um cenário digno de uma pintura de um qualquer afamado artista que tão bem conseguiria retratar a alma dos tempos duros e crus e dos sentimentos vividos, e se de uma obra se tratasse poderia ser uma obra sem título, já que os títulos nem sempre acrescentam mais do que aquilo que um rosto ou um gesto representam!

Um homem e três mulheres aconchegados uns nos outros partilham e escutam-se. Falam sobre mais uma noite cheia de cor representada nas suas vestes, do espaço daquele pequeno vestíbulo e do vermelho vivo dos lábios daquelas mulheres que pretendem ter uma voz no mundo que ocupam e que a elas a ocupa com a mais profunda invisibilidade e crueldade.

Mulheres de má fama, de mau porte? Que homem é este de ar aparentemente austero e frio, mas que aconchega a vulnerabilidade destas mulheres? Será esta uma situação real e vivida? Ou apenas o que povoa o imaginário de quem quer ser visto e ouvido?... De quem luta, dia após dia, por um lugar e por uma voz, mas apenas resta-lhe o cansaço e desalento em mais um final de noite.

Naquele momento e naquele espaço, apenas restam e restarão estas quatro pessoas que irão permanecer na crueza do mundo em que vivem, mas sempre unidos na luta da vida e pela vida em tudo o que ela representa...E assim sucessivamente, e sempre, naquele vestíbulo imundo com bambus a separarem a sala onde o espetáculo todas as noites tem o seu início e fim!

LISTA DE OBRAS POR ORDEM

O Rapaz das Cerejas

Édouard Manet

França, c. 1858

Óleo sobre tela

Inv. 395

© Museu Calouste Gulbenkian

p.4

Ocultação/Desocultação

Ana Vieira

1978

Tijolos, letra em vinil, mobiliário,

panos de algodão, lâmpadas e fio elétrico

Inv. 18E1846

© Museu Calouste Gulbenkian

p.6

O Espelho de Vénus

Sir Edward Burne-Jones

Inglaterra, 1877

Óleo sobre tela

Inv. 273

© Museu Calouste Gulbenkian

p.8

Cesto com Rosas

Henri Fantin-Latour

França, 1885

Óleo sobre tela

Inv. 69

© Museu Calouste Gulbenkian

p.10

A Eterna Primavera («L'Éternel Printemps»)

Auguste Rodin

Paris, c. 1898

Bronze

Inv. 28

© Museu Calouste Gulbenkian

p.12

Naufrágio de um Cargueiro

Joseph William Turner

Inglaterra, c.1810

Óleo sobre tela

Inv. 260

© Museu Calouste Gulbenkian

p.14

Árvore Jogo/Lúdico em Sete Imagens Espelhadas

Alberto Carneiro

1974

Barro, chapas de aço inox, canas, árvore e

corda de sisal

Inv. 09E1597

© Museu Calouste Gulbenkian

p.16

S/ título

José de Almada Negreiros

1924

Papel, Guachediluído

Inv. DP165

© Museu Calouste Gulbenkian

p.20

Último Bailado – Homenagem a Paul Éluard

Manuel Trindade D' Assumpção

1955

Óleo sobre Tela

Inv. 85P130

© Museu Calouste Gulbenkian

p.22

“Petit paysanne portugaise”

Papel, Ponta-seca

Inv. GP826

Mily Possoz

© Museu Calouste Gulbenkian

p.24

S/ título

José de Almada Negreiros

s/data

Papel, Guache e Aguarela

Inv. DP206

© Museu Calouste Gulbenkian

p.30

LISTA DE FOTOGRAFIAS POR ORDEM

Aspeto de Sala da exposição René Lalique e a

Idade do Vidro. Arte e Indústria no Museu

Calouste Gulbenkian (pormenor com obra

Victoire de René Lalique, 1928)

2020

© Catarina Maria Gomes Ferreira

p.18

Fotografia do grupo Entre Vizinhos com Ana

João Romana na obra Ocultação/Desocultação

de Ana Vieira, Coleção Moderna do Museu

Calouste Gulbenkian

2017

© Eduardo Sousa Ribeiro

p.28

GULBENKIAN.PT
